



## **A Macaca Malandra: experiência em formatos híbridos no jornalismo opinativo e a renovação do público radiofônico<sup>1</sup>**

Angela Batisti<sup>2</sup>

Fernando Rodrigues Dias<sup>3</sup>

Thaís Monção Gasperin<sup>4</sup>

Prof<sup>o</sup> Ricardo Pavan<sup>5</sup>

Universidade do Oeste de Santa Catarina

Campus de São Miguel do Oeste, SC

### **RESUMO**

Já utilizado no Brasil como meio de promover e disseminar a educação e a cultura, o rádio praticamente deixou essa função de lado e voltou-se a uma programação quase que inteiramente comercial e direcionada ao público adulto. O artigo *A Macaca Malandra: experiência em formatos híbridos no jornalismo opinativo e a renovação do público radiofônico* tem o propósito de mostrar como é possível produzir conteúdos educativos que contemplem entretenimento e despertem a imaginação infantil dentro do gênero opinativo. Além disso, propõe uma discussão sobre formatos híbridos do jornalismo a partir da nomenclatura clássica da ciência da comunicação.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo; crônica; rádio; infantil; educação.

### **1 INTRODUÇÃO**

A classificação dos gêneros jornalísticos busca separar o que é informação do que se reflete em opinião explícita. Marques de Melo propõe uma diferenciação em duas categorias – jornalismo informativo e opinativo. Já Luiz Beltrão aponta uma terceira categoria, a do jornalismo interpretativo, baseando-se no critério funcional – de informar, explicar e orientar. Dentro das divisões sugeridas por esses e outros estudiosos da comunicação, não aparecem o humor e o entretenimento, porém, o ‘divertir’ se configura numa das funções do jornalismo, conforme Fraser Bond (apud

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XVII Prêmio Expocom 2010, na categoria Produção em jornalismo opinativo – Editorial, Comentário, Artigo, Coluna, Resenha, Crônica, Caricatura.

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc) Campus de São Miguel do Oeste. E-mail: [angela\\_batisti@hotmail.com](mailto:angela_batisti@hotmail.com).

<sup>3</sup> Acadêmico do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc) Campus de São Miguel do Oeste.

<sup>4</sup> Acadêmica do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc) Campus de São Miguel do Oeste.

<sup>5</sup> Professor orientador do trabalho.



Barbosa Filho, 2003, p. 67): “[...] paralelamente ao seu propósito de informar, interpretar e moldar opiniões, o jornalismo dedica um esforço crescente à sua função de entreter.”

Marques de Melo (apud Barbosa Filho, 2003, p. 68) defende que o entretenimento não é objeto de interesse direto do jornalismo, mas sim das atividades artísticas:

As charadas, palavras cruzadas, histórias em quadrinhos, que aparecem nos jornais e revistas, como os programas humorísticos do rádio e da televisão, por mais que se articulem com a atualidade, não constituem matéria jornalística. São mensagens desvinculadas do real, mais próximas do universo imaginário e, portanto, classificadas dentro do campo do lazer. Não têm, portanto, caráter jornalístico.

Além da finalidade de entreter, uma das funções do jornalismo apontadas por Barbosa Filho (2003, p. 69), é a educativo-cultural, a qual ele atribui o papel de instruir e educar as pessoas:

[...] temos então de um lado a informação sobre os fatos, os relatos. Isto é jornalismo, cuja função é atualizar e orientar o público sobre os acontecimentos, interpretando-os; do outro, a informação, o imaginário, a diversão, a criação. Isto é entretenimento, cuja função é trabalhar o imaginário do público, divertindo-o.

Percebe-se, principalmente no radiojornalismo, que o entretenimento é pouco explorado, ainda mais quando se refere a uma programação voltada a divertir e, ao mesmo tempo, educar o público infantil. Utilizado em outras épocas como elemento educacional, o rádio tem se mostrado cada vez mais comercial e os conteúdos direcionados às crianças (faixa etária de até 12 anos) são praticamente inexistentes.

É cada vez mais rara a presença de programas voltados para projetos de formação profissional, alfabetização de adultos, para as audiobiografias, o ensino básico de humanidade etc. [...] No entretenimento podemos encontrar um pouco da magia que reveste a linguagem radiofônica formada por palavras, mas também por música, efeitos sonoros, ruídos e silêncio. (BARBOSA FILHO, 2003, p. 86)

De acordo com Barbosa (2003, p. 109), “o gênero educativo-cultural é uma das colunas de sustentação da programação radiofônica nos países desenvolvidos”. O mesmo não ocorre no Brasil. Aqui, as características dos programas não permitem a criação de um projeto educativo para transmissão no rádio. Embora, conforme defende Barbosa (2003, p. 110) “atualmente, é impossível imaginar a prática de ensino sem o auxílio de recursos audiovisuais, ferramentas que estão presentes, com maior ou menor intensidade, na vida de cada um de nós.”



O uso de uma narrativa adaptada para o rádio, especificamente da crônica, segue a proposta de uma educação segmentada, escolhida e adaptada de acordo com os interesses do público a qual se volta. Segundo Marques de Melo (2003, p. 67), “a crônica e a coluna incorporam a mediação com a ótica da comunidade ou dos grupos sociais que a instituição jornalística se dirige”. Dessa forma, a crônica pode ser trabalhada com foco no público infantil como forma de entreter e educar esse nicho de receptores, tendo em vista que seu desfecho, revelando o caráter opinativo, remete a uma reflexão e aprendizado. O uso desse formato no rádio pode ser ainda mais instigante se avaliado como esse meio de comunicação interfere e produz sentidos na mente das crianças, já dotadas, por natureza, de um forte poder de imaginação.

Edgar Roquette-Pinto (1884-1954) foi pioneiro no Brasil ao propor a educação à distância pelo rádio com a criação da Rádio Ministério da Educação e Cultura (MEC), em 1936. No ano seguinte, a lei nº 1378, de 13 de janeiro de 1937, organizou a rádio e instituiu o Serviço de Radiodifusão Educativo. A transmissão de programas culturais e educativos era vista por Roquette-Pinto como uma forma de democratizar o acesso ao conhecimento e reduzir os elevados índices de analfabetismo na sociedade da época. Conforme explica Costa (p. 5), a programação era permanentemente voltada a disseminar esses conteúdos:

Desse modo, eram irradiadas óperas ao vivo, palestras de temas diversos e programas dedicados à literatura. A programação de educação era intensa: aulas de Esperanto, Italiano, Português, Francês, Inglês, História Natural, Física e Química marcaram a emissora como a primeira rádio-escola.

A iniciativa idealizadora de Roquette-Pinto culminou no surgimento de outras experiências inovadoras que buscavam melhorar as condições da sociedade por meio do rádio.

Partindo desses princípios, a proposta de trabalho na disciplina de Radiojornalismo II, foi adaptar uma crônica de cunho educativo ao rádio, apresentando um novo formato que possa ser utilizado para renovar a programação das emissoras, considerando-se a atual falta de espaço para esse tipo de material no cenário regional – programas voltados ao público infantil com fins educativos e culturais.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo geral**



O objetivo geral do trabalho é experimentar formatos híbridos de jornalismo opinativo como forma de renovar o público radiofônico, com ênfase na recuperação do papel educativo do rádio junto à criança.

## **2.2 Objetivos específicos:**

- 1) Adaptar conteúdo infantil à linguagem radiofônica;
- 2) Discutir a renovação do público radiofônico;
- 3) Promover um resgate da postura educativa do rádio;
- 4) Adequar modelos consagrados pela bibliografia do jornalismo, no gênero opinativo, como forma de produção do novo na programação regional.

## **3 JUSTIFICATIVA**

É perceptível a ausência de programação infantil no rádio regional e o direcionamento das programações a um público adulto, geralmente num formato fechado, importado de outras emissoras ou copiado dos veículos dos grandes centros, sem identificação com o ouvinte local.

Ocorre, assim, a necessidade de adequar conteúdos ao público infantil, e que de preferência eles sejam produzidos também por crianças, para que haja uma relação mais próxima com os receptores. Materiais com conteúdo educativo podem aliar-se ao entretenimento, despertar a imaginação e produzir conhecimentos.

Dentre as funções do jornalista, a de educar deve ser mais explorada como uma forma de promover mudanças na sociedade e despertar para a cidadania e a autonomia responsável.

O jornalismo opinativo se configura como um dos mais influentes na formação de opinião e reconstrução ou ordenação na interpretação da realidade midiaticizada. Tendo em vista a grande popularidade do meio de comunicação rádio, transformar conteúdos educativos para a linguagem radiofônica, significa adequar essas informações aos aspectos: falta de imagem, uso da função fática da linguagem e construção de uma paisagem sonora por meio de ruído e efeitos sonoros, como forma de transportar o ouvinte para a cena narrada, despertar sua atenção para um formato diferenciado e, por consequência, assimilar o conteúdo.



#### 4 ADAPTAÇÃO DE NARRATIVAS AO FORMATO RADIOFÔNICO

Na região Oeste catarinense não existe nenhum programa infantil – feito por crianças, para crianças e com conteúdo voltado a elas. Partindo desse princípio, a ideia foi fazer um programete em formato de crônica, adaptando uma narrativa para o rádio, revelando uma moral no final (a opinião revelada), utilizando a dramatização radiofônica importada das radionovelas. O trabalho foi realizado pelos acadêmicos do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, na disciplina de Radiojornalismo II, baseado na obra *O macaco malandro*, de Tatiana Belinky.<sup>6</sup>

Conforme Barbosa Filho (2003), a estrutura dos programas infantis deve ser pensada com o objetivo de enriquecer e desenvolver potencialidades nas crianças, assim conseguirá divertir, educar e informar esse público, mesclando brincadeiras, jogos, música e adaptação de histórias em sua programação. Devido ao rádio não proporcionar a transmissão de imagens, geralmente os produtos de comunicação feitos para crianças não se direcionam a esse veículo. Para se ter ideia, referenciais teóricos usados na pesquisa apontam que o último programa destinado ao público infantil no Brasil foi exibido entre 1985 e 1986, em São Paulo. O que pode-se notar é o aparecimento de alguns projetos sazonais, momentâneos, próximo ao Dia das Crianças, porém, segundo Barbosa Filho, eles escondem finalidades meramente comerciais.

McLeish (2001, p. 147) comenta do uso da peça radiofônica como meio de informar, educar e esclarecer sobre alguma coisa de maneira diferente e atrativa, utilizando-se de um diálogo animado, com linguagem coloquial e simples e uso de duas ou três vozes. “Os ingredientes mais úteis parecem ser: fatos engraçados do dia-a-dia, personagens confiáveis com os quais o ouvinte possa se identificar, profundo ceticismo e verdade demonstrável”.

A diversidade de estímulos causados pelas paisagens sonoras, efeitos e ruídos aumenta a dinâmica da narrativa e, por conseqüência, prende a atenção do ouvinte mais jovem acostumado com a televisão e a magia provocada pelos recursos audiovisuais. McLeish explica que “A grande vantagem de um meio de comunicação auditivo sobre o meio impresso está no som da voz humana – o entusiasmo, a compaixão, a raiva, a dor e o riso. A voz é capaz de transmitir muito mais do que o discurso escrito.” Da mesma

---

<sup>6</sup> BELINKY, Tatiana. **O macaco malandro**: peça teatral. São Paulo: Moderna, 2002. 35 p.



forma, Barbosa Filho aposta no uso do rádio para emitir mensagens que produzirão efeitos na sociedade:

Se por meio dos sons e da audição podemos transmitir mensagens, produzir informações, está claro que a linguagem radiofônica não-verbal, a dos sons produzidos pela música, pelos efeitos sonoros, pelos ruídos, pode por si só, se utilizada de forma adequada, traduzir-se em atividades mentais que possivelmente terão como consequência atos da vontade que, por sua vez, produzirão fatos sociais de toda natureza (BARBOSA FILHO, 2003, p. 66)

Salinas (apud Barbosa Filho, 2003) também discorre que o rádio é o único meio de comunicação de massa que se utiliza apenas do som em sua expressão:

O rádio é o único meio de comunicação de massa que se utiliza apenas do som em sua expressão. O rádio possui a exclusividade da magia sagrada do som. Atribui-se seu poder justamente à ausência da imagem, poder este que reside na sua capacidade de ativar a imaginação visual, onde nada é visto, somente ouvido, e a mente de cada um encarrega-se de criar as imagens que correspondem ao som (SALINAS, apud BARBOSA FILHO, 2003, p. 77)

As peças radiofônicas, os dramas, comédias, seriados e novelas estão entre as possibilidades de entretenimento e educação dentro do meio de comunicação rádio e possuem características peculiares, entre elas, a capacidade de se combinar com outros formatos e gêneros. Esse campo de possíveis criações, para Milton Jung (2004), está ligado à necessidade de se atender à demanda dos novos ouvintes-internautas, acompanhando a evolução das tecnologias e as novas exigências do mercado consumidor:

A internet abduziu os veículos impressos, tomou o rádio e começa a consumir a televisão. Na convergência as mídias não desaparecem, somam-se e impõem desafios ao jornalista. Uma rádio não é apenas uma rádio. Na rede, o internauta busca texto, foto e imagem. E tudo tem de estar acessível. Radialista e ascensorista não apenas rimam como devem ter a mesma finalidade [...] O computador mexeu com a vida dos dois, que precisam encontrar novos mercados. (JUNG, 2004, p. 69)

As narrativas no rádio, que o consagraram como o maior veículo de comunicação a partir do auge das radionovelas, entre as décadas de 1930 e 1950, perderam espaço com a chegada da televisão e a introdução dos recursos visuais. O caráter artístico cedeu espaço ao aspecto comercial e informativo com novos formatos de entretenimento. A adaptação de peças teatrais para o rádio, comum em outras épocas, hoje está praticamente escassa. O que ainda pode-se encontrar, de acordo com Marcia Carvalho (2009) são as narrativas em programas humorísticos. Nesses casos, humoristas e comediantes usam a dramaturgia para criar tipos cômicos e brincadeiras, contar piadas e entreter o público.



McLeish aposta no uso do teatro nos programas infantis para contar histórias ou voltar-se a informações de cunho educacional, não se limitando a uma leitura dramatizada do conteúdo. A estrutura da narrativa deve fazer com que o receptor (ouvinte) se veja refletido, compreenda e tire aprendizados da história. As imagens das cenas devem se formar na mente do ouvinte a partir dos pensamentos, palavras e ações dos personagens, como sugere McLeish (2001, p. 179):

A peça radiofônica trata de conflitos e soluções, relacionamentos e sentimentos que motivam as pessoas, que conduzem os eventos e são por eles conduzidas. [...] O objetivo de todo texto dramático é ter as idéias originais recriadas na mente do ouvinte; e como o resultado final ocorre tão somente na imaginação, há poucas limitações de tamanho, realidade, lugar, estado emocional, tempo ou velocidade de transição. Ao contrário das artes visuais, em que o cenário nos é dado diretamente, o ouvinte do rádio é quem supre suas próprias imagens mentais em resposta às informações que lhe são passadas.

O teatro radiofônico pode ser produzido adaptando-se pequenos textos em peças unitárias, com começo, meio e fim. De acordo com Carvalho (2009), “o primeiro passo para a criação de uma adaptação literária para áudio/rádio é escolher um texto literário e estudá-lo. É preciso entender a sua narração e identificar as categorias descritivas de espaço, tempo, ação e personagens.” Além disso, a autora destaca que “os atores não devem ler o roteiro, mas sim interpretá-lo.”

Narrar é expor, contar, relatar, referir, dizer. O que? O tempo, o espaço, e os personagens com suas ações e falas. Mas é preciso narrar com sons: com a escolha de músicas de cena, elaboração de diálogos, fabricação de paisagens sonoras, escolha de efeitos, ruídos e vozes. E é no roteiro que se indica a interpretação e a sonoplastia desejada para o ato de contar a estória escolhida. (CARVALHO, 2009)

Para tanto, o uso do roteiro é essencial, pois auxilia na organização da estrutura da história que se quer contar. Segundo Carvalho (2009), “O roteiro nada mais é do que a organização de um projeto de adaptação de uma estória escrita para uma estória contada por vozes, músicas, efeitos, ruídos e silêncios”. As montagens não se utilizam, necessariamente, de um narrador, já que as ações e diálogos podem ser suficientes para explicar as situações. Por isso, o uso de recursos sonoros para criar a ambientação é muito importante na adaptação das peças em áudio.

É na edição que se realiza a montagem das falas e diálogos, ações e sonoplastia [...] Tudo o que foi gravado no estúdio é mixado com músicas, efeitos e ruídos adicionais. Trata-se da etapa de maior liberdade para se aventurar com a combinação dos sons: montar e desmontar sonoridades, descobrir, criar, organizar, mixar, juntar, separar critérios sonoros para contar uma estória com significado e encantamento. (CARVALHO, 2009)



Quanto à recepção dos conteúdos por parte dos receptores-ouvintes, Barbosa Filho (2003, p. 78), afirma que ela depende das infinitas formas de se emitir o som: “A passividade aparente do ato de ouvir depende de habilidades auditivas as quais possibilitam que as mediações sejam exercidas.”

Ao se permitir o uso do entretenimento e da informação dentro de uma proposta com objetivos educativo-culturais num meio de comunicação tão popular quanto o rádio, cumpre-se um dos papéis desse veículo perante a sociedade, já que “atua como agente de informação e formação do coletivo. Desde sua gênese vem se firmando como um serviço de utilidade pública, o qual exerce uma comunicação em que muito contribui para a história da comunidade” (Barbosa Filho, 2003). Para Cunha e Haussen (2003), “o rádio representa, por motivos variados, um dos segmentos mais vivos da mídia, entre os quais se destaca sua maleabilidade, entendida aqui como a capacidade de se adaptar a momentos e situações distintos”.

Outro fator que justifica o uso do rádio na promoção de educação e cultura é a sua significativa abrangência. De acordo com Barbosa (2003), pesquisas apontam que praticamente todas as residências possuem no mínimo um ou vários aparelhos, na proporção de um por pessoa, pois a maior parte da população tem condições de adquirir um aparelho facilmente. Isso ocorre, segundo o autor, por ele ser encontrado a preços acessíveis e poder ser utilizado até mesmo em locais sem energia elétrica. “Sendo assim, o rádio está sempre por perto, ao alcance da mão ou do ouvido, atingindo todos, da criança ao idoso”.

## 5 CONCLUSÃO

A adaptação da peça *O macaco malandro*, de Tatiana Belinky, foi realizada pelos acadêmicos Angela Batisti, Fernando Rodrigues Dias e Thaís Monção Gasperin, do quarto período de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc) Campus de São Miguel do Oeste. A escolha e gravação da crônica para o rádio foi orientada pelo professor Ricardo Pavan, no componente curricular de Radiojornalismo II, em outubro de 2009.

Os acadêmicos definiram pela escolha do material em virtude de que ele permitia abranger o humor e ainda, no desfecho da narrativa, revelar uma moral (a





opinião). O tema principal é a falta de diálogo que leva ao desentendimento dos personagens – um lobo, uma raposa e uma macaca – interpretados pelos acadêmicos. A ambientação da história foi possível com a inserção de recursos sonoros (sons e ruídos) em alguns trechos e plano de fundo (background).

Além de entreter o público ao qual se direciona (infantil), o texto possibilita ao jornalista cumprir com sua função de educar também fazendo uso do humor como forma de atrair a atenção dos ouvintes e, conseqüentemente, produzir efeitos na recepção.

Uma proposta de renovação na programação das rádios brasileiras hoje instiga os profissionais da comunicação a fazer uso da criatividade para atender públicos distintos e cada vez mais exigentes. Os formatos atuais já não dão conta das necessidades criadas pela sociedade pós-moderna, o que torna necessária a busca de novas alternativas a públicos segmentados para que o rádio não perca sua força e seja sugado pelas outras mídias.

## 7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A FICÇÃO na rádio moderna. NetFM – Reflexões Radiofônicas na Rede, 16 nov, 2005. Disponível em: <<http://netfm.wordpress.com/2005/11/16/a-ficcao-na-radio-moderna-o-panorama-comunicaciona/>>. Acesso em: 12 set, 2009.

BARBOSA Filho, André. **Gêneros radiofônicos:** os formatos e os programas em áudio. São Paulo: Paulinas, 2003. 158 p.

BELINKY, Tatiana. **O macaco malandro:** peça teatral. São Paulo: Moderna, 2002. 35 p.

CARVALHO, Marcia. **Dramaturgia no Rádio:** formatos e programas narrativos em áudio. Mnemo Cine, 8 mai, 2009. Disponível em: <[http://www.mnemocine.art.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=132:dramaturgiaradio&catid=56:radio&Itemid=70](http://www.mnemocine.art.br/index.php?option=com_content&view=article&id=132:dramaturgiaradio&catid=56:radio&Itemid=70)>. Acesso em: 12 set, 2009.

COSTA, Maria Elisa Furlan. Rádio educativo: a contribuição de Edgar Roquette-Pinto para a democratização do conhecimento no Brasil. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/Eixo1/266.pdf>>. Acesso em: 6 out, 2009.

CUNHA, Mágda Rodrigues da; HAUSSEN, Doris Fagundes. **Rádio brasileiro:** episódios e personagens. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. 291 p.



JUNG, Milton. **Jornalismo de rádio**. São Paulo: Contexto, 2004. 156 p.

MCLEISH, Robert. **Produção de rádio**: um guia abrangente de produção radiofônica. São Paulo: Summus, 2001. 246 p.

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003. 240 p.